Grande irmão

LIONEL SHRIVER

Grande irmão

TRADUÇÃO DE
Vera Ribeiro

intrínseca

Copyright © 2013 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL
Big Brother

REVISÃO
Taís Monteiro
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S564g Shriver, Lionel, 1957-
Grande irmão / Lionel Shriver; tradução Vera Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.
336 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Big brother
ISBN 978-85-8057-443-2

1. Romance americano. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

13-05558 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Greg que, de maneira infalível e improvável, sempre se alegrava com qualquer coisa boa que me acontecesse, e diante de cuja vida drástica, fantástica e espantosa toda ficção empalidece.

A indústria da dieta é o único negócio lucrativo do mundo com um índice de insucesso de 98%.

eatingdisorderfoundation.org

I: Mais

Capítulo Um

Preciso me perguntar se algum dos verdadeiros pontos altos dos meus quarenta e poucos anos teve a ver com alimentação. Não me refiro a jantares comemorativos em boa companhia. Estou falando de salivação, mastigação e peristaltismo. Curiosamente, para uma coisa que faço todos os dias, não consigo me lembrar com detalhes de muitas refeições, ao passo que me é muito mais fácil recordar filmes favoritos, amizades fiéis, formaturas. E assim se deduz que o cinema, as afinidades e a educação são mais importantes para mim do que me entupir de comida. Parabéns para mim, dirá você. Mas, se eu somasse honestamente o total do tempo que gastei planejando cardápios, comprando mantimentos, preparando e cozinhando os ingredientes, pondo a mesa e arrumando a cozinha, refeição após refeição, veria que a comida, de um jeito ou de outro, reduziu meu prazer de assistir a *Um lugar no coração* a uma nota de rodapé pouco relevante; idem quanto a minha apreciação por qualquer ser humano, inclusive aqueles que julgo amar. Gastei menos tempo pensando em meu marido que no almoço. Junte-se a isso o tempo que também gastei me arrependendo de ter me entregado a tortas de limão com merengue, jurando dispensar o café da manhã do dia seguinte e abrindo a geladeira/impedindo-me de acabar com a sobra do creme de abóbora/fechando-a de novo com

firmeza, e ficará provado que tenho me preocupado com poucas outras coisas na vida além de comida.

Então, se, por inferência, comer tem sido algo tão vergonhosamente central para mim, por que não consigo ter uma memória fotográfica fiel de refeições excelentes?

Como a maioria das pessoas, tenho vívida lembrança dos meus pratos favoritos da infância e, como grande parte das crianças, eu gostava de coisas simples: torradas, pãezinhos caseiros, bolachas de água e sal. Meu paladar ficou mais amplo na idade adulta, mas não o meu caráter. Sou como arroz branco. Sempre existi para dar destaque a pratos mais empolgantes. Fui um complemento quando menina. Sou um complemento agora.

Duvido que isso diminua muito o meu constrangimento, mas tenho uma pequena desculpa para haver exagerado a ênfase na questão mecânica da alimentação. Durante onze anos, tive um serviço de bufê. Assim, você imaginaria que eu pudesse ao menos recordar algumas vitórias individuais da Breadbasket, Inc. Bem, não exatamente. Afora os acadêmicos da universidade, que têm um espírito mais aventureiro, o pessoal de Iowa é conservador na hora de comer, e com certeza eu poderia invocar uma monótona linha de montagem composta de bolo de cenoura, lasanha e pão de milho. Mas os únicos pratos de que me lembro sem grande esforço são os fracassos, como o pudim indiano de água de rosas, engrossado com farinha de arroz, que virou uma mistura fibrosa e visguenta, boa para colar papel de parede. Todo o restante — os filés de salmão enrolados em volta disso ou daquilo, os salteados de não sei o quê com um toque de qualquer coisa — é só um borrão.

Paciência; estou denunciando algo. Eis minha proposta: a comida é esquiva por natureza. Mais conceito que substância, ela é a *ideia* de satisfação, muito mais poderosa que a satisfação em si, razão pela qual a dieta pode exercer a influência da religião ou do fanatismo político. Não é o sabor irresistível, mas a própria incapacidade de os alimentos trazerem prazer, que nos leva a comer mais. A mais suntuosa experiência de ingestão fica no meio do caminho, entre a lembrança da última dentada e a expectativa da próxima. O comer propriamente dito quase não acontece. É essa impossibilidade quase total de cumprirem o que prometem que torna os prazeres da mesa tão tentadores, e também tão perigosos.

Banal? Não tenho tanta certeza. Somos animais; muito mais do que a questão complementar do sexo, o impulso de comer motiva quase todos

os esforços humanos. Obviamente triunfantes na competição pelos recursos, os mais rechonchudos entre nós são, portanto, histórias majestosas de sucesso biológico. Mas pergunte a qualquer rebanho de cervos com uma superpopulação: a natureza castiga o sucesso. A economia instintiva que fazemos para tempos difíceis, esse jeito de enterrar sementes nos esconderijos mais seguros e privados para o longo inverno, por mais prudente que seja, à sua maneira, por mais que expresse uma astúcia darwiniana, está acabando com meu país. Por isso que duvido que a despensa, como tema, seja uma banalidade. É verdade que às vezes me pergunto até que ponto me importo com meu país. Mas eu me importo com meu irmão.

Qualquer história sobre irmãos tem origens muito antigas, é fato, mas, para nossos fins, o capítulo da vida do meu irmão que mais merece um olhar profundo começou, apropriadamente, no almoço. Deve ter sido num fim de semana, pois eu ainda não tinha ido para a sede da empresa.

Como era praxe naqueles tempos, Fletcher, meu marido, tinha subido um pouco cedo. Vinha acordando às cinco da manhã e, por isso, ao meio-dia já estava faminto. Marceneiro autônomo, criador de encantadores móveis exclusivos, mas de custo inviável, seu trânsito entre a casa e o trabalho estendia-se até nosso porão, e ele podia acordar à hora que quisesse. Aquele disparate do romper da aurora era puro exibicionismo. Fletcher gostava da implicação de rigor, da fachada de ainda mais severidade, bravura, disciplina e abnegação.

Eu achava enlouquecedora aquela história de pular da cama. Naquela época, não tinha sabedoria para acolher de bom grado uma discordância em escala tão pequena, pois em pouco tempo o horário do despertador de Fletcher seria o menor dos nossos problemas. Mas isso se aplica a todas as imagens do *antes*, que só parecem tranquilas em retrospectiva. Na ocasião, minha irritação com a santimônia com que ele saltava da cama era muito real. O sujeito ia para a cama às nove da noite. Dormia oito horas, como uma pessoa normal. Onde é que estava a abnegação?

Como acontecia com muitas das excentricidades intimidantes do meu marido, eu me recusava a seguir as regras e tinha começado a dormir até tarde. Eu também trabalhava por conta própria e detestava o início da manhã. Aquelas primeiras luzes enjoativas lembravam café fraco, escaldado num recipiente quente. Deitar às nove me faria sentir como uma criança, despachada para meu quarto enquanto os adultos se divertiam. Só que quem se divertiria,

e demais até, seriam Tanner e Cody, adolescentes que não se dispunham a adotar os horários de falso lavrador do pai.

Assim, tendo acabado de lavar a louça do meu café com torradas, eu não sentia fome para almoçar — se bem que, depois do telefonema recebido uma hora antes, estava sem apetite por outras razões. Não me lembro do que comíamos, mas é provável que fosse arroz integral com brócolis. Com poucas variações desinteressantes, naqueles tempos era quase sempre arroz integral com brócolis.

No começo, não conversávamos. Quando nos conhecemos, sete anos antes, nosso bem-estar com o silêncio recíproco tinha sido cativante. Uma das coisas que haviam me deixado desanimada com o casamento, em certa época, tinha sido a perspectiva de uma conversa incessante. Fletcher também se sentia assim, embora seu silêncio tivesse uma textura diferente do meu: era mais denso, mais concentrado — agitado e opaco. Isso dava ao seu silêncio uma riqueza que combinava bem com minha serenidade mais fria, mais suave. Já o meu produzia o som de um cantarolar estranho, embora eu não chegasse de fato a cantarolar; em termos culinários, assemelhava-se a uma sopa fria e leve. Mais sombrio e taciturno, o de Fletcher parecia mais um molho de vinho tinto. Ele *lutava* contra os problemas enquanto eu simplesmente os resolvia. Criaturas solitárias, nunca conversávamos só por conversar. Combinávamos bem um com o outro.

Mas naquele meio-dia o silêncio era de pavor e postergação. Tinha a textura de lodo, como o meu desastroso pudim de água de rosas. Ensaiei várias vezes minha frase introdutória, antes de anunciar em voz alta:

— Slack Muncie telefonou hoje de manhã.

— Quem é Mack Muncie? — perguntou Fletcher, distraído.

— Slack. Um saxofonista. De Nova York. Estive com ele várias vezes. É bem conceituado, acho... mas, como a maior parte daquela turma, tem dificuldade para pagar todas as contas no fim do mês. É obrigado a aceitar bicos em casamentos e restaurantes, onde todo mundo conversa enquanto a música toca.

Tudo aquilo se classificava justamente como o tal "puxar conversa" que afirmei evitar.

Fletcher ergueu os olhos, com ar cauteloso:

— De onde você o conhece?

— É um dos amigos mais antigos do Edison. Um parceiro leal.

— Nesse caso, ele deve ser muito paciente — comentou Fletcher.

— Edison estava hospedado na casa dele.

— Pensei que seu irmão tivesse um apartamento. Em cima do clube de jazz dele.

Fletcher imbuiu de ceticismo o "clube de jazz dele". Nunca acreditou que Edison gerenciasse o próprio clube de jazz.

— Não tem mais. Slack não quis entrar em detalhes, mas houve uma... complicação.

— Ah, com certeza vai haver uma *complicação*. Que não será verdade.

— Às vezes Edison exagera. Não é a mesma coisa que ser um mentiroso.

— Certo. E a cor "pérola" não é igual a "marfim".

— Com Edison, a gente tem que aprender a *traduzir*.

— Quer dizer que ele anda vivendo às custas dos amigos. Que tal isto como *tradução*? O seu irmão está sem teto.

Fletcher em geral chamava Edison de "seu irmão". Aos meus ouvidos, sua fala soou como "o problema é seu".

— Mais ou menos — respondi.

— E duro.

— Edison já passou por outros momentos de aperto. Entre turnês.

— Então, por causa de algum problema misterioso e complicado, algo como não pagar o aluguel, seu irmão perdeu o apartamento e agora anda pulando de sofá em sofá.

— É — respondi, constrangida. — Mas parece que está ficando sem sofás.

— Por que esse tal de *Slack* telefonou, e não o seu próprio irmão?

— Bem, acho que Slack tem sido de uma generosidade incrível, embora o apartamento dele seja pequeno. Um quarto e sala, e ele também precisa praticar saxofone lá.

— Meu bem. Desembuche. Diga logo o que não está querendo me dizer.

Persegui fixamente uma flor de brócolis, malcozida demais para ser espetada com o garfo.

— Ele disse que não há espaço suficiente. Para os dois. A maioria dos outros colegas já está dividindo apartamento, ou é casada e tem filhos, e... Edison não tem outro lugar para ir.

— Outro lugar a não ser *qual*?

— Agora nós temos um quarto de hóspedes — argumentei. — Ninguém nunca o usa, a não ser Solstice, de dois em dois anos. E, você sabe... ele é meu *irmão*.

Por ser um homem contido, Fletcher raras vezes parecia visivelmente irritado.

— Você diz isso como se fosse um trunfo.

— Significa alguma coisa.

— Alguma coisa, sim, mas não tudo. Por que ele não pode ficar com Travis? Ou com Solstice?

— Meu pai é impossível e já passou dos setenta. Quando a minha irmã nasceu, Edison estava quase saindo de casa. Ele e Solstice mal se conhecem.

— Você tem outras responsabilidades. Com Tanner, com Cody, comigo. Até — pausa carregada — com a Baby Maluco. Não pode tomar uma decisão dessas de forma arbitrária.

— Slack parecia estar esgotado mentalmente. Eu tinha que dizer alguma coisa.

— O que você tinha que dizer — rebateu Fletcher, sem alterar a voz — era: "Desculpe, mas tenho que perguntar ao meu marido."

— Talvez eu já soubesse o que você ia responder.

— E o que seria?

Dei um sorrisinho.

— Algo como "só por cima do meu cadáver".

Ele deu um sorrisinho.

— Acertou.

— Sei que não correu muito bem. Aquela última visita.

— Não. Não correu.

— Vocês parecem não ter se entendido.

— Não houve nada de "parece". Nós não nos entendemos.

— Se fosse uma pessoa qualquer, eu não pediria. Mas não é. Significaria muito para mim se você tentasse se esforçar um pouco mais.

— Não tem nada a ver com tentar. Ou a gente gosta de alguém ou não gosta. Se a pessoa está "tentando", então não gosta.

— Você pode tentar quando se trata da família. Você faz isso com outras pessoas.

Demorei um momento para refletir que, no caso de Fletcher, isso nem sempre era verdade. Ele sabia ser ríspido.

— Você está me dizendo que, durante toda essa negociação, nunca teve uma conversa direta com o seu irmão? Ou seja: o amigo dele está tentando se livrar do cara pelas costas.

— Talvez Edison esteja com vergonha. Não ia querer pedir favores à irmã caçula.

— Irmã caçula! Você tem quarenta anos.

Como filho único, Fletcher não entendia nada sobre irmãos, sobre como esse diferencial é permanente.

— Meu bem, vou continuar sendo a *irmãzinha caçula* do Edison aos noventa e cinco anos.

Fletcher mergulhou a panela de arroz na pia.

— Você ganhou algum dinheiro agora, não é? Embora eu nunca saiba muito bem quanto. — Não, ele não poderia saber ao certo. Eu era discreta. — Pois então, mande um cheque para ele. O suficiente para fazer o depósito numa espelunca e pagar uns dois meses de aluguel. Problema resolvido.

— Comprá-lo. Suborná-lo para que fique longe de nós.

— Bem, a vida dele não seria grande coisa por aqui. Não se pode dizer que Iowa tenha um círculo de jazz.

— Existem alguns lugares na cidade de Iowa.

— Apresentações de passar o chapéu, feitas para um punhado de estudantes miseráveis, não vão servir para o Sr. Importante Pianista Internacional de Jazz.

— Mas, segundo Slack, Edison não está... "na sua melhor forma". Ele disse que Edison está precisando... "de alguém que cuide dele". Slack acha que a confiança do meu irmão sofreu um golpe.

— É a melhor notícia que ouvi hoje.

— Minha empresa está indo bem — falei em voz baixa. — Isto devia servir para alguma coisa. Para ser generosa.

Como fui com você, quase acrescentei, *e com crianças que agora também são meus filhos*, mas não quis esfregar isso na cara dele.

— Mas você também está oferecendo a generosidade do resto da família.

— Sei disso.

Fletcher inclinou-se sobre a pia, apoiando os braços dos dois lados.

— Lamento se pareço insensível. Dando nos meus nervos ou não, o sujeito é seu irmão e você deve ficar chateada por ele estar numa maré de azar.

— É, muito — respondi, agradecida. — Ele sempre foi o tal. Ficar na pior, abusando da hospitalidade dos amigos... isso parece errado. Como se o universo tivesse virado de cabeça para baixo.

Eu não ia contar ao Fletcher, mas Edison e Slack deviam ter se desentendido, porque a urgência do saxofonista tinha um toque do que eu só poderia chamar... bem... de nojo.

— Mas, mesmo que decidíssemos hospedá-lo — disse Fletcher —, *o que ainda não está decidido*, essa estadia não poderia ser por tempo indeterminado.

— Também não pode ser condicional — retruquei. Se eu fosse pensar dessa maneira, e preferia não pensar, eu é que havia acumulado quase todo o poder na nossa família, nos dois últimos anos. Não gostava de ter poder, e, em circunstâncias normais, tinha muita esperança de que, se eu nunca representasse essa influência desconcertante, ela acabaria indo embora. Mas, para quebrar a monotonia, o tal novo poder foi útil. — Não vou dizer "só por três dias", ou "só por uma semana". Isso não soa gentil, é como se só pudéssemos aguentar a companhia dele por um período de tempo limitado.

— E não é verdade? — rebateu Fletcher, em tom seco, deixando a louça para mim. — Vou dar uma volta.

É claro que ele ia dar uma volta. Passava horas andando de bicicleta quase todos os dias — em *uma* das suas bicicletas, já que tinha quatro, que competiam com as mesas de centro que não haviam sido vendidas pelo espaço restrito de um porão que parecera cavernoso quando nos mudamos para aquela casa. Nenhum de nós jamais mencionava o fato, mas eu é que havia comprado aquelas bicicletas. Tecnicamente, dividíamos as despesas. Mas, quando uma parte contribui com o conteúdo de um conta-gotas e a outra entra com o lago Michigan, "dividir" não parece ser a palavra certa.

Desde que meu marido havia começado a andar de bicicleta de forma obsessiva, eu não chegara perto da minha própria lata-velha que andava a dez quilômetros por hora e a essa altura ficava acumulando poeira, com os pneus vazios. O descaso era uma opção minha, mas não dava essa sensação. Era como se Fletcher tivesse roubado a minha bicicleta. Se um dia eu arrastasse aquele treco escada acima, lubrificasse a corrente e saísse pela rua, pedalando devagar e por uma distância não muito longa, ele zombaria de mim. Então eu preferia deixar para lá.

Toda vez que Fletcher saía para dar uma volta, eu ficava irritada. Como ele conseguia aguentar o tédio? Havia tardes em que chegava em casa todo satisfeito por ter melhorado seu tempo, geralmente em alguns segundos.

Pedalar o mesmo trajeto pelos milharais até o rio, a uma velocidade um tiquinho maior, não tinha a menor importância terrena para ninguém. Fletcher tinha quarenta e seis anos e, em pouco tempo, o computador no guidão só registraria a decepção dele consigo mesmo. Eu não gostava de pensar que me ressentia de uma coisa que era só dele, mas meu marido já tinha a marcenaria, que era algo bastante pessoal. Usava as voltas de bicicleta para me deixar isolada.

Eu sentia tanta culpa por me aborrecer com isso que fazia de tudo para disfarçar a chateação, me obrigando a *sugerir* que ele saísse para dar uma volta a fim de, digamos, tirar da cabeça alguma frustração com Tanner, "já que isso faz você se sentir tão bem". Mas o falsete saltitante demais deixava transparecer minha falsidade. Muito intrigante: ele *gostava* de ver que os passeios de bicicleta me aborreciam.

É claro que eu era uma má esposa. As excursões aeróbicas prolongariam a vida dele. Depois que a Cleo, sua ex, havia pirado de maneira tão bizarra, Fletcher ficara cada vez mais obcecado por controle e, em matéria de obsessão, andar de bicicleta era inofensivo. Entre o exercício e a dieta rigorosa, meu marido havia perdido o pneuzinho que surgiu por culpa do meu purê de batatas e dos meus muffins. No entanto, eu gostava daquele pneuzinho, que o abrandava num sentido mais amplo. Ao pedir perdão, aquele excesso delicado também parecia concedê-lo.

Eu precisava de uma boa dose desse perdão. Durante os últimos três anos, devia ter engordado uns 9 kg (tinha medo de subir numa balança e enfrentar o número exato). Na época em que dirigia a Breadbasket, eu era bem magra. No ramo dos bufês, a comida tende a se tornar algo repulsivo: um potão de cream cheese torna-se indistinguível de um galão de argamassa. Mas, na minha nova empresa, os mexicanos que fazem parte da equipe vivem levando bandejas de *tamales* e *enchiladas* para o trabalho. Antes eu cozinhava em pé; agora, ficava sentada no escritório. E assim, passara a gastar uma proporção assustadora do meu tempo mental com promessas vazias de reduzir as refeições a uma por dia, ou com autocensuras inúteis por ter comido um segundo pimentão recheado no almoço. Com certeza, em algum nível inconsciente de alta frequência, outras pessoas deviam ouvir o ranger dessa humilhante roda de hamster na minha cabeça, um silvo cortante que era emitido por quase todas as mulheres com quem eu cruzava nos corredores dos supermercados Hy-Vee.

Não era justo, mas eu culpava Fletcher por esses 9 kg. Eu podia ser uma pessoa calada, dessas que não ficam no centro da ação, mas isso não significava que fosse uma fracota. Eu era aquele tipo de pessoa para quem podiam apontar o dedo e mandar calar a boca, alguém que não dava respostas tortas, que se curvava diante de todo tipo de cara feia, parecendo aceitar tudo feito um amorzinho de menina; e aí a outra pessoa ia embora, pensando *Pronto, agora ela aprendeu a lição*, e eu me livrava dela e, com a maior displicência, fazia exatamente o que ela acabara de me dizer para não fazer.

Esse pendor para o desafio me saiu pela culatra quando comecei a beliscar de propósito, entre as refeições, qualquer grupo inteiro de alimentos que Fletcher houvesse desaprovado recentemente. (O repúdio ao queijo foi mortal. No dia seguinte a esse anúncio, voltei do supermercado com metade de uma bola de brie.) O desprezo dele justamente pelos pratos que o haviam extasiado durante nosso namoro e no início do casamento — torta cremosa de banana, pizza de panela feita em casa — me magoava. Eu não devia ter misturado amor com comida, mas esse é um erro que as mulheres cometem há séculos, então por que comigo seria diferente? Eu também sentia falta de cozinhar, uma prática que considerava terapêutica. Assim, de vez em quando, ainda assava um bolo de coco em camadas, que Fletcher boicotava e até as crianças evitavam enquanto o pai ficava de cara amarrada por perto. Bem, de qualquer forma alguém tinha de comer aquele bolo. E fatalmente eu me arrependeria disso.

Tínhamos pelo menos desenvolvido uma solução conciliadora. De cada doce contrabandeado, eu cortava uma provinha do tamanho de uma garfada e a arrumava com uma pitada de chantilly, uma folhinha de hortelã para enfeitar e umas duas framboesas fresquinhas, no centro de um grande prato de sobremesa de porcelana, com um reluzente garfo de prata. Deixava-o no meio da bancada central da cozinha, como as crianças deixavam biscoitos para o Papai Noel, e sumia de lá.

Fletcher nunca morderia a isca enquanto eu estivesse olhando; mas, para mim, era mais significativo do que sou capaz de expressar que aquelas amostras ilícitas, que ele passara a considerar "tóxicas", desaparecessem em menos de uma hora.

A rigor, como nazista da nutrição, meu marido tinha ficado mais atraente, só que eu já sentia atração por ele antes disso. E depois, certa angulosidade ficara mais pronunciada. Fletcher tinha uma testa grande e o rosto oval e

comprido; raspada quase à máquina zero, como um tojo espinhento, para minimizar a calvície, sua cabeça tinha o formato de um projétil. De perfil, o nariz longo e forte parecia um sinal de ticar, e os óculos de aro de arame acrescentavam uma perspicácia professoral. Um toque severo de censura havia penetrado na geometria triangular de seus ombros largos e na cintura agora fina, de modo que o simples fato de estar na sua presença física fazia com que me sentisse repreendida.

Enquanto eu recolhia nossa louça, fiquei incomodada por Fletcher não haver esperado para arrumar a cozinha, o que não era do seu feitio. Era comum darmos conta da limpeza com a fluidez entrelaçada do nado sincronizado. Obtínhamos o melhor de nós trabalhando lado a lado — nenhum dos dois entendia ou apreciava o "lazer" — e minhas melhores lembranças eram justamente desse tipo de faxina em larga escala. Quando começamos a namorar, nas noites em que eu servia algum grande bufê, Fletcher instalava Tanner e Cody em sacos de dormir no chão da minha sala, para poder me ajudar na cozinha. (Quando o vi balançar as mãos pela primeira vez dentro da pia — agitando os dedos para baixo, *plaft, plaft*, num pequeno gesto instintivo que garante que não pinguemos água pelo chão todo, no caminho para enxugar as mãos no pano de prato —, eu soube que aquele era o homem com quem me casaria.)

Limpando bancadas, fechando embalagens de sobras e lavando tigelas enormes, ele nunca reclamava, nem era preciso dizer-lhe o que fazer. Só fazia intervalos para se colocar atrás de mim, enquanto eu tirava outro conjunto de copos mornos da lavadora de louça, e me beijar no pescoço. Acredite se quiser, mas aquelas arrumações com os aventais respingados eram românticas, melhores do que champanhe e luz de velas.

Com essas lembranças em mente, era difícil eu me ressentir de ensaboar a panela de cozimento a vapor do brócolis, depois do almoço para dois. Repensei nossa conversa. Poderia ter sido pior. O próprio Fletcher poderia ter anunciado "só por cima do meu cadáver"; eu o dissera por ele, em tom malicioso. Em momento algum eu lhe perguntara "tudo bem se o meu irmão passar um tempo aqui na nossa casa?". Ele não tinha dito sim nem não.

Nossa casa. É claro, a casa era nossa.

Tendo morado de aluguel durante quase toda a minha vida, eu ainda não me livrara da impressão de que aquele endereço na Alameda Solomon pertencia a outra pessoa; mantinha a casa fanaticamente arrumada, como se os

verdadeiros proprietários pudessem entrar a qualquer momento, sem aviso prévio. A casa era maior do que precisávamos; a abundância de armários na cozinha era um convite à compra de máquinas para macarrão caseiro e de fazer pão, que usaríamos uma única vez. Digna do rótulo desdenhoso de mansão, nossa nova moradia tinha sido uma reação exagerada ao aperto da casa que Fletcher alugava num loteamento, um daqueles locais "provisórios" que os homens procuram depois de se divorciar e de onde nunca mais saem, a não ser que uma nova mulher bata o pé. Eu tinha ficado assombrada por poder de repente comprar uma casa, à vista, ainda por cima, e a comprara, de certo modo, simplesmente porque podia.

Além disso, quis encontrar um local de trabalho para Fletcher. Os móveis eram sua paixão e, assim, eu lhe comprara essa paixão. Ingênua em questões de dinheiro, não tinha como saber de antemão quanto ele se ressentiria de mim por isso.

No começo do nosso casamento, Fletcher trabalhava numa empresa agrícola que produzia sementes transgênicas. Eu tinha feito questão de possibilitar que ele saísse daquele emprego, porque ele não tinha um talento natural para vendas — não porque eu tivesse alguma aversão ambientalista a brincar com a natureza, nem por uma indignação política com o fato de as empresas norte-americanas quererem patentear o que antes era literalmente de quem pegasse. Eu não tinha muitas opiniões. Não via por quê. Se me opusesse à produção do milho não germinativo e resistente a doenças, ele continuaria a ser vendido.

Eu considerava a maioria das convicções uma diversão, e seu cultivo, uma vaidade, razão por que quase nunca lia jornais. Meu conhecimento de um assassinato no Líbano não traria a vítima de volta à vida, e, dado que primordialmente as notícias agravavam o sentimento de desamparo, eu achava surpreendente que tanta gente lhes desse atenção. A recusa em fabricar opiniões para consumo social me tornava uma chata, mas eu adorava ser chata. Não ter o menor interesse terreno para ninguém tinha sido um objetivo a cumprir durante toda minha vida.

Para combinar, esta casa neocolonial de tijolos também não tinha personalidade. Era recém-construída, sem arranhões nos pisos de tábuas de bordo. Eu adorava sua inexpressividade sem história. As tomadas tinham fiação de primeira e tudo funcionava. Nunca dei muita bola à personalidade, a não ser no sentido de não ter inclinação para furtar lojas nem trair

meu marido; Edison é que buscava a designação de "uma figura singular", e podia ficar com ela. Eu exultava o anonimato e, nessa época, já me ressentia violentamente do fato de o brilho não solicitado dos refletores da mídia ter me transformado em alguém específico para outras pessoas. (Pelo amor de Deus, seria de se supor que, depois de me enfurnar de propósito bem no meio do país, o mínimo que eu podia esperar fosse conseguir passar despercebida.) Eu tinha história suficiente e, com a única exceção do próprio Edison, meu instinto em relação ao passado era fechar a cortina.

A ampla casa lobotomizada formava o cenário perfeito e neutro onde os móveis do Fletcher poderiam se destacar. Àquela altura, o trabalho artesanal de meu marido havia substituído a maioria das peças de lojas de departamentos da combinação original de nossas casas. (Essa união de forças domésticas tinha sido a primeira vez na minha vida que alguém me ajudara a me mudar. Com uma eficiência feroz, Fletcher era capaz de embalar um cômodo numa tarde, e isso era ainda mais romântico do que catar aquelas lasquinhas chatas do processador de alimentos.) As criações dele eram tão flexíveis que, toda vez que eu entrava na sala, era como se a mobília tivesse pastado nos tapetes minutos antes. Os cantos posteriores dos móveis enroscavam-se feito chifres de cervo, as pernas curvas empinavam-se sobre pés aparados, e o sofá era lastreado pelas almofadas, sem as quais aquela criatura assustadiça talvez saísse a meio galope porta afora.

Embora Fletcher gostasse de pensar que estava melhorando, minha peça favorita era uma das primeiras que ele tinha feito. Nós a chamávamos de Bumerangue. Sua almofada de couro vermelho era oval. A grade que formava os braços e costas contíguos inclinava-se para o alto, à direita, e descia em arco, à esquerda, até a extremidade do braço esquerdo quase encostar no chão. A cadeira dava a impressão de ter sido arremessada. As ripas que sustentavam o grande espaldar ascendente também eram curvas — lâminas de ébano-de-macassar, pau-rosa e bordo que ele havia deixado de molho por uma semana, para poder curvá-las.

A Bumerangue era uma espécie de talismã. A maioria das pessoas que aprimora uma habilidade se apega a uma dessas pedras de toque: uma prova precoce de que elas entendiam do riscado. O objeto a que sempre podem referir-se quando um esforço atual fracassa: *Viu? Se você conseguiu fazer aquilo, é capaz de fazer qualquer coisa.* De minha parte, eu não tinha nenhum equivalente, porque não me importava com produtos. Gostava do processo. Fosse um

bolo de laranja, fosse a mercadoria absurda que estava vendendo no momento, o produto virava lixo para mim no instante em que ficava pronto. Eu achava perfeitamente horroroso concluir projetos.

Depois de raspar a película bege da panela de arroz, dei uma espiada pela janela da frente. Havia começado a chover, mas isso nunca mandara meu intrépido marido para casa. Segura da minha solidão, subi de fininho para o escritório que tinha em casa e reservei uma passagem de avião entre o LaGuardia e o Cedar Rapids, escolhendo uma data de regresso arbitrária, que sempre poderíamos mudar. Fiz um cheque de quinhentos dólares e rabisquei "gastos extras" no canto inferior esquerdo. Coloquei o cheque e a folha impressa do bilhete em um envelope do FedEx para Edison Appaloosa, usando o endereço que Slack havia ditado de manhã, e marquei na minha conta o pedido de coleta.

Talvez o fato de ter comprado aquela casa com a receita da minha empresa pouco convencional, dois anos antes, significasse que eu tinha o "direito" de instalar meu irmão no quarto de hóspedes, sem pedir permissão para isso. Mas cantar de galo por causa de dinheiro me parecia vulgar e antidemocrático. Havia três Feuerbach naquela casa e apenas uma Halfdanarson.

O que me incitava a soltar os cachorros em oposição a Fletcher era outra coisa. Em geral, eu não era refém da família. Em algum momento, acabaria fazendo a desagradável descoberta de como era profunda a ligação que eu mantinha com meu pai, mas só depois de ele morrer; até lá, eu era livre para considerá-lo insuportável. Minha irmã Solstice era tão mais jovem que eu quase poderia ser sua tia, e só por insistência sua é que ela me visitava em Iowa, verão sim, outro não. (Ela cresceu nos cacos remanescentes de uma família maluca e falida, à qual tentou durante muito tempo impor uma fachada mais atraente. Por isso, era a única que comprava presentes, mandava cartões e fazia visitas cuja perfeita regularidade sugeria disciplina.) Minha encantadora mãe, Magnolia, havia morrido quando eu tinha treze anos. Os dois casais de avós já tinham falecido. Solitária até conhecer Fletcher, eu não tinha gerado nenhum dos meus filhos.

Edison era a minha família, o único parente consanguíneo que eu amava de verdade. Essa afeição única concentrava toda a lealdade que a maioria das pessoas dilui num clã maior, o que a transformava numa devoção intensa. Fora com Edison que eu havia aprendido a ser leal; era de Edison, portanto, que decorriam todas as outras lealdades, e os beneficiários dessa minha própria

capacidade de me apegar com ferocidade eram Fletcher e nossos filhos. Podia ser que eu fosse ambivalente quanto ao passado que compartilhávamos, mas só Edison e eu o compartilhávamos. Na verdade, eu não hesitara nem por um segundo quando Slack Muncie tinha telefonado, naquela manhã. Fletcher tinha razão: era um trunfo. Edison era meu irmão, e podíamos mesmo ter encerrado a discussão exatamente nesse ponto.